

TRINDADE, CURTO CAMINHO LONGO

"Isso é apenas o início". Assim Luiz Keller — co-produtor e co-diretor de *Trindade, Curto Caminho Longo* — define o filme que realizou durante dois anos com Tânia Quaresma, destinado a documentar os sons e as imagens brasileiras. A idéia básica do projeto nasceu em fins de 1975, com o encontro entre Tânia, ex-jornalista, fotógrafa, cineasta, diretora do documentário *Nordeste: Cordel, Repente, Canção*, e o músico Luiz Keller, cantor e compositor, ex-integrante da Bazuca de Antônio Adolfo. Tânia vinha da realização de *Nordeste* — como *Trindade*, também uma produção independente que envolvia filme e disco — e Luiz acabava de retornar de uma viagem de cinco anos pela Inglaterra, França, Holanda, Suécia, Suíça, Espanha, Portugal e Libéria, onde trabalhou como cantor e instrumentista.

Isoladamente, os dois haviam cultivado uma idéia: criar um movimento que agrupasse os músicos brasileiros e lhes desse trabalho, prestígio e liberdade de criação. Com a fusão de duas experiências diferentes, nasceu um projeto que pouco a pouco foi assumindo forma definida: gravar, com a melhor técnica e nos melhores estúdios, temas de músicos brasileiros, por eles compostos, interpretados e arranjados; ilustrar esses temas com imagens do Brasil, imagens fortes da gente, da terra e da vida em diversas regiões do País; promover *shows* com esses instrumentistas; editar em disco seus temas e documentar suas vidas, seu trabalho, sua situação. Em outras palavras, na difícil selva da música brasileira, permanentemente assolada pela competição desleal com o produto importado, pela falta de recursos e pelas falhas básicas de estrutura de mercado e divulgação, "era necessário abrir uma grande clareira em som, imagem e palavra, onde a música e os músicos possam se movimentar".

Com o objetivo de deflagrar um movimento, "uma atitude dos próprios músicos que, vendo que é possível, partam para o trabalho por eles mesmos", foi fundada a

Trindade Produções Artísticas. Esta produtora, estabelecida como uma sociedade civil de fins não lucrativos, funciona como uma fundação: o dinheiro gerado pelos *shows*, pelo filme e através da venda de discos reverte, em primeiro lugar, para os músicos participantes. O restante é, por cláusula contratual, reinvestido em atividades culturais futuras. Tendo como sócios Luiz Keller, Tânia Quaresma e Nara Cardoso, *Trindade*, como eles explicam, "começa mesmo quando termina".

O projeto começou a se tornar realidade em fevereiro de 76, com as filmagens do carnaval carioca, e seu primeiro segmento será concluído por ocasião do lançamento do filme, através da Embrafilme, juntamente com um grande *show* ao ar livre. A pré-estreia nacional foi realizada no dia 20 de dezembro último, no cinema Novo Pax, em sessão à meia-noite.

Nesses dois anos, a equipe de *Trindade* deslocou-se por todas as regiões do País e promoveu os mais diversos *shows* em diferentes lugares. Em julho de 76, nos estúdios Vice-Versa, em São Paulo, Wagner Tiso, Nivaldo Ornellas, Federyko, Luís Alves, Jamil Joanes, Paulinho Braga e Márcio Borges gravaram os primeiros seis temas. Pouco depois, foi a vez de Antônio Adolfo, Franklin, Elber Bedaque, Luiz Cláudio, Luizão e Geraldo Azevedo. Em setembro de 77, *Trindade* montou no posto Leonardo Villas-Boas, no Alto Xingu, um insólito espetáculo: a exibição do Ballet Stagium, dançando para uma platéia de mais de 800 índios, o tema de Egberto Gismonti *Conforme a Altura do Sol/Conforme a Altura da Lua*. Em novembro do ano passado, Hermeto Paschoal e Seus Músicos tocaram em plena feira de Caruaru, num espetáculo registrado em som direto por *Trindade*. Já em setembro do mesmo ano, no dia 17, tinha sido iniciada uma série de *shows* no cine Ópera, do Rio, reunindo à meia-noite e meia o grupo Index e os músicos/compositores Edu Lobo e Nivaldo Ornellas, com



Seqüência do Alto Xingu.

seus conjuntos. No mês seguinte, dia 14, um novo *show* teve lugar no Ópera, com Wagner Tiso, Joyce e Maurício e o grupo Azymuth. No dia 12 de novembro, Antônio Adolfo, Toninho Horta, Márcio Montarroyos e Pomoja e o grupo Mandengo. A série teria seu encerramento com um grande concerto na Concha Acústica da UERJ, Rio de Janeiro, com a participação de Wagner Tiso, Toninho Horta, Paulo Moura e a Rio Jazz Orchestra, Nivaldo Ornellas, Egberto Gismonti e Hermeto Paschoal, na tarde do dia 25 de março de 78. E de abril a agosto foram concluídas as filmagens e gravações.

Música, Palavra e Imagem

Durante duas horas, desfilam no filme os sons e as imagens do universo cultural brasileiro captados e filtrados pelos mais importantes músicos do País. Para cada um deles, isto representa um trabalho de muitos anos que, em muitos casos, ainda per-

manecia completamente inédito. No disco como no filme – que foram lançados conjuntamente -- inscrevem-se as participações de figuras conhecidas como Egberto Gismonti, Hermeto Paschoal, Nivaldo Ornellas, Wagner Tiso, entre outros – sem falar em Heitor Villa-Lobos – assim como as de outros nomes ainda pouco notórios – embora não menos criativos como Waltel Branco, Marcos Rezende, Edson Maciel, Franklin e Luiz Cláudio – não esquecendo o *maraka'yp* Sapaim, o maior mestre de música vivo no Xingu.

A abertura do filme cabe à música-tema *Trindade*, composta e cantada por Luiz Keller. Enquanto a câmera flui por entre imagens da natureza, a música e letra falam das relações que se estabelecem entre o cérebro, os membros e o coração como a trindade fundamental do homem. Segundo Luiz, "ela é uma síntese de tudo o que eu vivi, a música do próprio ser humano, buscando o equilíbrio entre a razão e a emo-

NOVOS FILMES

ção". Logo a monumental *Floresta Amazônica*, de Villa-Lobos, nos introduz no imenso universo ainda inexplorado das nossas selvas, nossos rios, fauna e flora. Contrapontuando o desvelamento visual das grandes "mansões verdes" da floresta e seus habitantes, o som registra a audição da Sinfônica do Ar e Coral gravada em som direto, em setembro de 77, em pleno Pantanal de Mato Grosso.

No Nordeste, ocorre um inesperado *happening*: a presença de Hermeto Paschoal e Seus Músicos, durante o agitado burburinho da feira de Caruaru. Registrada em som direto e diante de várias câmeras, ela representa também — à maneira do que *Trindade* realizou no encontro do Ballet Stagium com os índios do Xingu — a reunião e a documentação ao vivo de dois extremos no mesmo caminho: a matéria-prima e o produto acabado, as raízes culturais e seu desdobramento cosmopolitano. A Bahia é o local onde melhor se sediaram os ritmos afro-brasileiros: a capoeira, o maculelê e o candomblé. Esforçando-se em evitar o exotismo com que são frequentemente pintados, o filme procura suas raízes e significados mais recônditos: da capoeira e do maculelê, como antigos adestramentos físicos, ao candomblé, com seus antigos rituais e sua verdadeira legitimidade africana, hoje quase desaparecida nos centros urbanos.

O posto Leonardo Villas-Boas é o palco do encontro da música de Egberto Gismonti, um constante pesquisador de nossas raízes, do Ballet Stagium, coreografado por Márika Gidali e Décio Otero, e a espontânea musicalidade de seus índios habitantes. Desse encontro, registrado ao vivo pela equipe do filme, disse Gismonti — que por duas horas improvisou uma exibição de flauta e violão — que se tratava de "uma platéia tão aberta e receptiva quanto . . . sei lá . . . uma européia, de festival de jazz, superinformada; não há nenhum preconceito, nenhuma idéia preestabelecida, eles só querem sentir se o som lhes agrada ou não".

Sobre imagens de um vasto horizonte e grandes planícies onde se instalou a nova capital, surge o tema de Marcos Rezende, *Festa Para Um Novo Rei*, executado pelo grupo Index e o autor. Enquanto o tema é desenvolvido, a câmera vasculha os mais diversos ângulos e realidades de Brasília.

"Lá no Curral D'el Rey/Quem falou morrer/Quis talvez pedir/Calma ou talvez dizer/As estrelas dormem/As paixões valerão/Cantar quer dizer que não/Ou traduzir silêncio/Violência igual de montanha e animal". A letra de Márcio Borges, cantada por Luiz Keller, e a música de Nivaldo Ornellas, executada por uma banda, marcam a passagem de *Trindade* por Minas Gerais, cuja paisagem desvendam e recompõem visualmente com imagens de rostos, ruas, janelas, igrejas, colinas, cafezais, sacadas, velhas nas janelas, mãos negras na enxada, enquanto Nivaldo Ornellas e sua música alternam música religiosa e ritmo negro, numa verdadeira *Memória das Minas*, tema que no filme ocupa 11 minutos.

Das montanhas para o mar, da memória das Minas à lembrança do Rio antigo, aparece o reavivamento poético e pictórico de fragmentos da Glória de antigamente com suas ruas e bares que são recapturados musicalmente no tema *Santo Amaro*, composto e executado pelo flautista Franklin e o violonista Luiz Cláudio, especialmente para o filme. Enquanto o passado apenas sobrevive através de resquícios, a Zona Sul carioca se agita no vigor de sua paisagem — que ainda resiste — e no cosmopolitismo de sua cultura, cujo comentário musical é composto e interpretado por Joyce. E se o tema da Zona Sul cabe a uma compositora de formação mais *roqueira*, a música da Zona Norte — uma paisagem diferente com seu trem de subúrbio e seu pique rápido — se ajusta perfeitamente ao *free-jazz* de Edson Maciel, um velho-novo músico que viveu intensamente os últimos 30 anos da música brasileira.

Djair de Barros e Silva — que ninguém conhece — ou Novelli — que todo mundo



Seqüência de Santa Teresa, Rio.

conhece como músico mas poucos como compositor — é o autor de *Baião do Acordar*, sob cujos sons e palavras que dizem “Jogue nessa loteria que sua vida resolve/ Passe a perna no destino, fure a fila, seja breve/Mas não deixe de ouvir uma música amanhã/Ao acordar”, que lembram ao migrante nordestino que não se esqueça de suas raízes, oferece a *Trindade* a oportunidade de procurar evidenciar a sua visão do trabalhador na cidade de São Paulo. A trilogia dedicada aos Estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul — *Minuano*, de Waltel Blanco — é uma peça que possui vários climas. A primeira parte procura captar o Paraná, através de uma musicalização que ele chama de *aleatória*. Já Santa Catarina aparece sublinhada por uma peça tipicamente clássica executada por um quarteto de cordas, enquanto a terceira e última parte procura captar o Rio Grande

do Sul, “um verdadeiro faroeste”, segundo Waltel, evocando boiadas, bombachas e chimarrões do Pampa.

Tragicômico, composição de Wagner Tiso com letra de Luiz Keller, procura sintetizar e finalizar poeticamente toda a proposição do trabalho, apesar dos obstáculos: “Mesmo ainda que o caminho me apresente gente estranha/Mais teimosa que sabida, mais medrosa que sozinha/Amo mesmo, sem vergonha de dizer de cara ao mundo”.

(Sérvulo Siqueira)

Direção, Roteiro e Produção: Luiz Keller e Tânia Quaresma. *Fotografia e Câmera:* Tânia Quaresma, Gilberto Otero, Antônio Luiz Mendes Soares, Lúcio Kodato. *Som Direto, Montagem, Edição e Mixagem:* Walter Goulart. *Produção Executiva:* Nara Cardoso, Alfredo Guzman e Roger Sideris. *Distribuição:* Embrafilme. Brasil, 1978.